

1. DISTINÇÃO ENTRE ÉTICA E MORAL

Ética, das palavras gregas “*éthica, éthos*”, é a teoria ou a ciência de uma forma específica de comportamento humano: o comportamento moral dos homens em sociedade (Novaes, 1992). O objeto de estudo da ética são os comportamentos conscientes e voluntários dos indivíduos que afetam outros indivíduos, determinados grupos sociais ou a sociedade em seu conjunto; explica a razão de ser das diferentes práticas morais de cada sociedade e das mudanças de moral; esclarece o fato dos homens terem recorrido a práticas morais diferentes e até opostas no decorrer da história. Enfim, é a ciência que tem por objetivo o estudo da moral da sociedade e suas constantes modificações.

A ética depara com uma experiência histórico-social no terreno da moral, ou seja, com uma série de práticas morais já em vigor e, partindo delas, procura determinar a essência da moral, sua origem, as condições objetivas e subjetivas do ato moral, as fontes da avaliação moral, a natureza e a função dos juízos morais, os critérios de justificação destes juízos e o princípio que rege a mudança e sucessão de diferentes sistemas morais. É a ética, a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade.

Ética é a reflexão da moral, é a teoria; a moral envolve regras, o ato em si, a prática. A ética não cria a moral, embora toda moral supõe determinados princípios, normas ou regras de comportamento, não é a ética que estabelece numa determinada sociedade.

Moral, da palavra latina “*mores*”, é o conjunto de regras e normas, aceitas livre e conscientemente, que regulam o comportamento individual e social dos homens numa determinada sociedade (Kant, 1995); é a conduta, a prática, a ação; neste conjunto de regras há as condutas imorais e as condutas morais, ou seja não aprovadas e aprovadas. A cultura, a religião, a economia e os costumes modificam este conjunto de regras e normas. Uma mudança radical da estrutura social provoca uma mudança fundamental de moral, pois a moral possui uma qualidade social: manifestasse somente na sociedade, respondendo às suas necessidades.

A moral está em prol de uma finalidade que é o bem comum e é pelo bem que causa ao cidadão que se regula se a moral é válida; a função social da moral consiste na regulamentação das relações entre os homens para contribuir assim no sentido de manter e garantir uma determinada ordem social. A raiz da moral está acima dos homens e estes não adquirem a moral naturalmente, mas é necessário construí-la: primeiro através da família, depois da religião e através da escola. É assim que os homens a tornam convicção; se não há convicção, não há moral e o indivíduo faz a sua própria lei.

Segundo Adolfo Sánchez Vázquez, tanto *ethos* como *mos* indicam um tipo de comportamento propriamente humano que não é natural, o homem não nasce com ele como se fosse um instinto, mas que é “adquirido ou conquistado por hábito”. Vazquez (2003, p.23), define ética como “a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano”.

Ser **moral** significa se adequar e viver de acordo com as normas de uma determinada sociedade. Ser **imoral** significa conhecer as normas e não segui-las. O indivíduo considerado **amoral** é o que não segue as normas sociais por desconhecê-las ou não compreender os seus valores.

A ética, entretanto, está acima da moral: ela analisa e critica a moral, embora com ela se relacione. A moral diz respeito aos conceitos abstratos de certo e errado para cada consciência, enquanto a ética procura resolver os dilemas dos grupos por meio da reflexão e do debate social acerca da ação concreta desta ou daquela comunidade. A ética, portanto, relaciona-se com o Direito, com a Justiça, com a Política, com as Leis e com as práticas científicas e profissionais (ROSAS, 2002). Ser ético significa viver coerentemente com uma linha ética, aproximando o que penso daquilo que faço, buscando o benefício e a qualidade de vida de todos, da humanidade. A finalidade da ética é orientar a prática (VALLS, 2006).

Essas distinções podem seguir as mais diversas direções, dependendo da concepção de homem que se toma como ponto de partida e, ao longo da história, filósofos foram responsáveis por diversas concepções de vida moral, como veremos a seguir.

2. A CONCEPÇÃO DE ÉTICA E MORAL AO LONGO DO TEMPO

Historicamente, quem primeiro abordou o tema foi o filósofo Sócrates, ateniense que questionava as razões de ser das condutas virtuosas da sociedade da qual ele fazia parte. Descontente por algo ser considerado moral apenas e tão-somente porque todos faziam, ele fundou a “filosofia da moral”, que hoje chamamos de “ética”. Dizia que o conteúdo do bem moral consistia na felicidade interior, dado que agindo de uma forma correta o homem seria feliz. Platão optou por uma ética de fins: se os fins são bons, então também são bons a intenção, o saber e o poder. Para Aristóteles a ética consistia na satisfação da felicidade, em que apenas a atitude perfeita do homem pode conduzi-lo à felicidade.

Com a evolução dos tempos, chega-se à Idade Média, momento em que se vislumbrou uma ética mais próxima a Deus. Naquele tempo, os filósofos eram teólogos e aliavam ética à religião. Com isto, formava-se um compromisso do homem com Deus e não com sua sociedade. Destacaram-se nesta concepção São Tomás de Aquino e Santo Agostinho, para quem a ética de um homem era medida pela maneira através da qual agia de acordo com as leis divinas.

Chegando-se à Idade Moderna, as concepções da Idade Média foram desprezadas, uma vez que os pensadores não mais aceitavam a concepção teológica. É a fase do Iluminismo, onde a ética passou a ser discutida na política, no direito e em diversas formas de relações sociais. Uma série de pensadores, tais quais Montesquieu, Hegel e Nietzsche passaram a crer em uma ética voltada para uma relação do indivíduo com a sociedade e não com Deus.

Nos tempos modernos, a partir de Kant, empreendeu-se o estudo da ética independentemente das ideias religiosas. Os traços fundamentais da ética kantiana são: o formalismo, o apriorismo e a autonomia. Essa ética ignora todo o conteúdo material e

a lei é um imperativo categórico, que converte a ética do dever ser, que outra coisa não é senão a determinação da vontade com a sua bondade específica única da lei. Para Kant, o agir moralmente se funda exclusivamente na razão.

Como se pode verificar, a concepção de ética tem sido bastante discutida ao longo dos tempos por variados pensadores e autores. Abraçada pela ideia geral destas concepções, encontramos, dentre outras virtudes, a responsabilidade, a honestidade e o respeito, que servem de alicerce para uma conduta ética e que são brevemente abordados a seguir:

A responsabilidade é o ponto de partida da ética para a sociedade, é um elemento da ética; quem não responde por seus atos falta com a ética. Implica na noção de que toda ação da organização afeta pessoas ou grupos sociais, ou seja, os públicos com os quais se relaciona. A dimensão da responsabilidade reúne o tripé econômico social-ambiental da sustentabilidade, não só da organização, mas do mundo em que vivemos. A honestidade é um fator que faz parte da ética, pois ser honesto é agir com probidade, com honra, tomando para si apenas aquilo que é seu de direito. O respeito, também é um elemento da ética, embora não o principal. Mesmo dentro da honestidade existe, intrinsecamente, o respeito, isto é, não se pode ser honesto sem ser respeitoso. É a disposição firme e constante para a prática do bem.

No mundo contemporâneo, a situação da moral e da ética, em síntese, nos lança diante de um impasse: de um lado prevalece a ordem subjetiva das vivências e emoções, a anarquia dos princípios ou a simples ausência deles; de outro lado, a razão dominante, instrumento de repressão, como nos denuncia Marx e Nietzsche, entre outros.

De forma geral, o processo histórico da ética, nos indica que Ética trata de princípios e não de mandamentos. Supõe que o ser humano deva ser justo. Porém, como ser justo? Ou como agir de forma a garantir o bem de todos? Não há resposta predefinida. É preciso, portanto, ter claro que não existem normas acabadas, regras definitivamente consagradas. A ética é um eterno pensar, refletir, construir. E a escola deve educar seus alunos para que possam tomar parte nessa construção, serem livres e autônomos para pensarem e julgarem.

As pessoas não nascem boas ou ruins; é a sociedade, quer queira, quer não, que educa moralmente seus membros, embora a família, os meios de comunicação e o convívio com outras pessoas tenham influência marcante no comportamento da criança. E, naturalmente, a escola também tem. É preciso deixar claro que ela não deve ser considerada onipotente, única instituição social capaz de educar moralmente as novas gerações. Também não se pode pensar que a escola garanta total sucesso em seu trabalho de formação. Na verdade, seu poder é limitado. Todavia, tal diagnóstico não justifica uma deserção. Mesmo com limitações, a escola participa da formação moral de seus alunos. Valores e regras são transmitidos pelos professores, pelos livros didáticos, pela organização institucional, pelas formas de avaliação, pelos comportamentos dos próprios alunos, e assim por diante.

3. A POSTURA E O COMPROMISSO ÉTICO DO PROFESSOR

A Ética profissional começa com a reflexão e deve ser iniciada antes da prática profissional. Ao escolher uma profissão, todo indivíduo passa a ter responsabilidades e deveres profissionais obrigatórios. Ser ético é basicamente aprender a agir sem prejudicar os demais, pensando também na felicidade e alegria de viver.

Libânio fala que o trabalho docente constitui o exercício profissional do professor e este é seu primeiro compromisso com a sociedade. Sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classes, na vida cultural e política. É uma atividade fundamentalmente social, porque contribui para a formação cultural e científica do povo, tarefa indispensável para outras conquistas democráticas. A característica mais importante da atividade profissional do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade, papel que cumpre provendo as condições e os meios. O sinal mais indicativo da responsabilidade profissional do professor é seu permanente empenho na instrução e educação dos seus alunos, dirigindo o ensino e as atividades de modo que estes dominem os conhecimentos básicos e as habilidades, capacidades físicas e intelectuais, tendo em vista prepará-los para enfrentar os desafios da vida prática no trabalho e nas lutas sociais pela democratização da sociedade.

Na obra *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire (2006), há uma proposta de prática educativa refletindo sobre o compromisso e a responsabilidade do educador, pois a relação em sala de aula, os limites da ética, do que é “ser ético”, do reconhecer um sujeito do outro lado e não um objeto dos interesses do docente é parte de uma complexidade em que o despreparo para exercer a função pode resultar em um verdadeiro desastre na tentativa de ser professor.

Paulo Freire chama a atenção para o comportamento ético do professor, relacionando os saberes propostos por ele e que são necessários à prática educativa. Sobre a ética, diz Paulo Freire (2006, p.15):

Gostaria, por outro lado, de sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente. Sublinhar esta responsabilidade igualmente àquelas e àqueles que se acham em formação para exercê-la. [...] Educadores e educandos não podemos, na verdade, escapar à rigorosidade ética. Mas, é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro... Falo, pelo contrário, da ética universal do ser humano. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos, em nossas relações com eles...

Paulo Freire sugere uma ética, mas não qualquer ética e sim aquela que revela um comportamento transformador, aquela que preserva e valoriza a condição do ser humano e seu contexto social, o que inclui seus direitos e seus deveres enquanto cidadão.

Por isso, ensinar exige comprometimento – a ética requer que o professor tenha compromisso com sua atuação profissional. Se o professor pensar que a docência é entrar em sala de aula, transmitir a matéria e sair, e assim, estaria cumprido seu compromisso, não entende o que é educação. O professor deve acreditar no que faz e na educação como instrumento de transformação social.

Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo – a educação não pode ser uma simples reprodução do que está posto, que geralmente está posto por interesses de ideologias dominantes. A atividade profissional docente ética é questionadora, é investigadora, não é neutra, é preocupada com a preparação científica para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem. Assim, por ser reveladora da realidade a educação promove a intervenção no mundo, e a tarefa do professor é, com ética, revelar esta realidade e proporcionar que cada indivíduo situado no processo sociocultural forme suas convicções e opiniões, o que significa democracia.

Ensinar exige liberdade e autoridade – devem ser construídos em conjunto, pois naquele espaço da sala de aula o professor é a autoridade presente, mas seu exercício não pode anular a liberdade do aluno. A disciplina é construída com o esforço de todos. O professor deve criar os limites em conjunto com seus alunos, pois estes limites são saudáveis no espaço de construção do saber, e isso acontece melhor quando há humildade, generosidade e compreensão da razão de se estar em um espaço educacional, tanto pelo professor, quanto pelo aluno.

Ensinar exige tomada consciente de decisões – este saber denota que o educador não pode ser neutro, pois nem o educando e nem mesmo a educação é neutra, e compreender isto significa ter respeito pelas opiniões, mas tomar as decisões conforme suas convicções, para que estas decisões sejam também respeitadas. Com certeza uma decisão não irá causar a transformação na sociedade, mas é preciso demonstrar que a transformação é possível.

Ensinar exige saber escutar – compreender que o aluno é um sujeito do processo e não um objeto, compreender que o diálogo tem maior alcance quando se sabe escutar. Quem sabe escutar entende que não tem o domínio da verdade absoluta, o que é uma condição do ser humano em evolução, e que o conhecimento é construído a partir da percepção das partes envolvidas.

Ensinar exige disponibilidade para o diálogo – o saber dialogar é de suma importância para ensinar, ou seja, o professor deve estar aberto aos acontecimentos, ao contexto social, aos outros e seus problemas. Assim, fazendo compreensão de mundo, pode tornar eficaz sua tarefa de ensinar.

Percebe-se que não existem modelos de comportamentos éticos para cada tipo de problema que possa ocorrer nas relações da docência, que nos dê uma solução ética caso a caso, mas que a base da ética no processo educacional, e principalmente na relação docente-discente, está no reconhecimento de que, nos dois pólos, existe a figura de um sujeito, ou seja, nesta relação um não pode colocar o outro como um objeto de seus interesses. Assim, o professor não pode exercer sua profissão com arrogância ou diminuindo a capacidade de seu aluno, a ponto de reduzi-lo como ser humano.

A base da ética está em reconhecer que todo ser humano é ator e portador de cultura, o que nos faz concluir que temos que aprender a escutar os outros. Este

exercício será muito importante para melhorar como professor, pois escutando os alunos poderemos fazer constatações que serão de grande utilidade no processo construtivo de ensino-aprendizagem, já que possibilitará saber quais são as ideias e necessidades dos alunos.

A autoridade deve ser exercida com ética, e por vezes com rigor. O professor inoperante não contribui. Os educadores devem pensar e lutar em favor de seus direitos, valorizando-se, motivando-se.

Com estas reflexões, poderemos tomar decisões éticas em várias situações ocorridas em sala de aula, principalmente as que envolvem conflitos, problemas e, por fim, entender que a conduta ética do professor envolve uma complexidade de ações, dentro da sala de aula, em relação à instituição em que trabalha, e mesmo fora dela, mas com a responsabilidade de ser docente envolvido no processo educacional.

4. DESAFIOS E CONTRADIÇÕES NA PROFISSÃO DOCENTE

“Em termos puramente morais, não há possibilidade de respeitar a outrem em sua dignidade, sem fazê-lo experimentar o sentimento da própria dignidade”. (Yves de La Taille)

Em meio a tantas mudanças, questionamo-nos sobre o que fazer com elas, sobre sua validade, sua essência, sobre nosso fazer diário no processo de educar. Tantos avanços e tantas exigências, que geram dúvidas, questionamentos, insegurança. O mundo nos pede rapidez, capacidade, conhecimento, mas não nos mostra o como utilizar tudo isso de maneira correta, de forma a promover maior equilíbrio e felicidade para as pessoas.

Desvelar o processo de construção e aplicação dos conhecimentos sempre foi a meta de vários estudos ao longo da história, que mesmo hoje, diante de tantos avanços e de um grande número de pesquisas, constitui-se como algo em constante interrogação. O que e para que aprendemos? Por que a escola ainda tem tanta dificuldade em formar também para a dimensão ética?

Quando se fala em ética na educação, precisamos considerar que as implicações educacionais desse fazer se dão a partir do apelo à humanidade advindo de outrem e a possibilidade de uma resposta incondicionalmente responsável. Uma pedagogia da ética começa pelo respeito ao outro, à humanidade que se mostra a partir de outrem.

Se nos preocupamos com a construção de uma sociedade ética, devemos reconhecer que o alicerce para um futuro digno é a educação, portanto, se faz necessária uma constante reflexão sobre as implicações educacionais a partir do apelo à humanidade advinda de e com o outro e a possibilidade de uma resposta incondicionalmente responsável.

Acredita-se na educação como espaço de encontro, de acolhida, de resposta ao outro em sua diferença, portanto a educação é concebida de modo eminentemente ético. Pensar a educação a partir de seu fundamento ético implica em pensá-la na perspectiva do encontro e da acolhida.

Assim, conhecer e educar para a ética ultrapassa as linhas da objetividade, da personalidade, das técnicas, da subjetividade, num processo dialético de ir e vir ao

mundo e ao ser. É um definir o mundo e um definir-se diário, já que o conhecimento supõe, em primeiro lugar, o “conhecer-se a si mesmo”, buscando algo que possa nos definir por dentro, interligando a humanidade ao seu destino e à sua busca pela felicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 3ª ed. [Trad. Mário da Gama Cury.] Brasília: Universidade de Brasília, 1992.

BRASIL, Secretaria de Educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Médio, v. 1, bases legais, Especial para a Rede Salesiana de Escolas, 2000.

KORTE, Gustavo. *Iniciação à Ética*. São Paulo: Juarez Oliveira, 1999.

ÉTICA E CIDADANIA: **construindo valores na escola e na sociedade** / Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. –Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 84 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70, 1995.

LIBÂNIO, Jose Carlos. *Adeus professor, adeus professora?*: novas exigências educacionais e profissão docente. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIBÂNEO, José C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo, Cortez, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral – uma polêmica*. In: Além do bem e do mal. Companhia das Letras.

NOVAES, A (org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; ROSAS, V.B. **Afinal, o que é ética?** <http://www.mundodosfilosofos.com.br/vanderlei>. 2002.

ROUSSEAU. *Da escravidão*. In: **Do contrato social**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

VALLS, A.L.M. **O que é ética**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2006.

VAZQUEZ, A. S. **Ética**. 24. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.